

Conhecimento de adultos do estado do Rio Grande do Sul sobre o Acidente Vascular Cerebral: indicadores para programas de saúde



Débora de Bitencourt Fél¹, Jerusa Fumagali de Salles²

¹Estudante de graduação em Psicologia, Bolsista de Iniciação Científica CNPq, Universidade Federal do Rio Grande Sul

²Professora Adjunta do Instituto de Psicologia, Universidade Federal Do Rio Grande do Sul

Contatos: deborabfel@hmail.com, jerusafsalles@gmail.com, <http://www.ufrgs.br/neurocog>

INTRODUÇÃO

- O Acidente Vascular Cerebral (AVC) é caracterizado pela diminuição repentina de funções neurológicas resultante da interferência do suprimento sanguíneo para o cérebro (Lewandowski & Barsan, 2001).
- A identificação do AVC a partir dos sinais e sintomas e o controle dos fatores de risco são fundamentais, tanto para um atendimento mais rápido e eficaz, que pode reduzir o impacto das sequelas, quanto para diminuir a ocorrência de novos eventos (Brasil, Ministério da Saúde, 2013).
- O objetivo deste estudo foi investigar o nível de conhecimento de uma amostra de adultos do estado do Rio Grande do Sul (RS) sobre o AVC.

MÉTODO

- **PARTICIPANTES:** Participaram 125 adultos (90 do sexo feminino), com média de 29,6 anos de idade ($DP = 9,8$). A maior parte (44%) era residente em Porto Alegre e 54% relataram que sua profissão estava relacionada com a área da saúde.



Figura 1. Frequência da renda mensal da amostra.

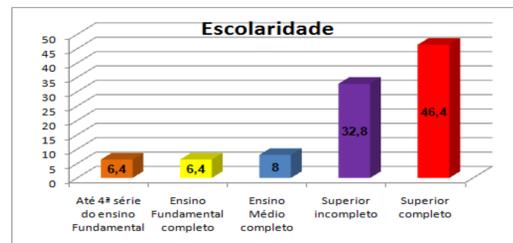


Figura 2. Frequência da escolaridade da amostra.

- **INSTRUMENTO:** Questionário construído pelos pesquisadores, contendo perguntas de múltipla escolha. As questões abordaram os temas sobre fisiopatologia, fatores de risco, sinais, sintomas e sequelas, conduta imediata e reabilitação do AVC, além dos dados socioeconômicos e culturais dos participantes.

- **ANÁLISE DE DADOS:** Análise de frequências (porcentagem).

RESULTADOS

- Na amostra estudada, 88% dos participantes souberam o significado da sigla AVC. No entanto 38% responderam que o AVC pode ser totalmente revertido, enquanto 31% afirmaram que o AVC sempre deixará alguma sequela. Observou-se que 98,4% das respostas foram afirmativas para o cérebro como órgão atingido pelo AVC, e 5,6% apontaram o coração. Os dados das figuras abaixo correspondem às respostas marcadas como corretas pelos participantes:

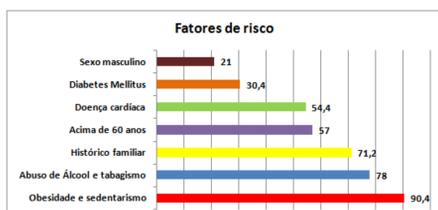


Figura 3. Frequência de respostas da amostra para fatores de risco.

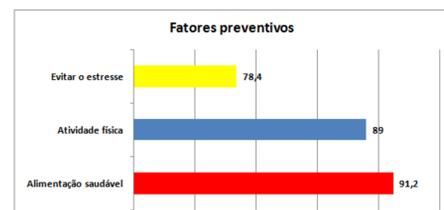


Figura 4. Frequência de respostas da amostra para fatores preventivos.

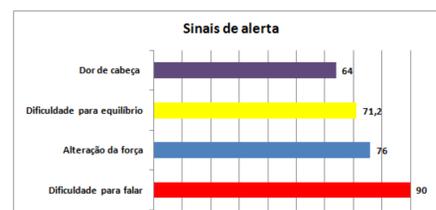


Figura 5. Frequência de respostas da amostra para sinais de alerta.



Figura 6. Frequência de respostas da amostra para sequelas.

DISCUSSÃO

- Identificou-se que o conhecimento mais deficitário está relacionado aos fatores de risco não modificáveis do AVC. Em contraposição, os fatores de risco modificáveis do AVC foram melhor identificados. Estes resultados estão de acordo com um estudo semelhante realizado com enfermeiros, em que os fatores de risco do AVC são os menos identificados pelos profissionais (Gonçalves et al., 2012). Entretanto, em outro estudo realizado com a população de Pelotas-RS, os resultados mais insatisfatórios apontados estavam relacionados, respectivamente, a sinais e sintomas, fisiopatologia e conduta imediata. (Costa et al., 2008).
- De modo geral, considerando a alta escolaridade da maioria da amostra estudada seu nível de conhecimento sobre o AVC não é satisfatório. Para estudos futuros sugere-se o aumento da amostra, com mais participantes de baixa escolaridade, assim como dar continuidade com uma intervenção educativa na amostra.
- Maiores investimentos em Políticas Públicas de promoção da saúde são fundamentais para uma melhor eficácia no tratamento e prevenção do AVC, como sugerem outros estudos (Costa et al., 2008).

REFERÊNCIAS

- Costa, F., Oliveira, S., Magalhães, P., Costa, B., Papini, R., Silveira, M., & Lang, M. (2008). Nível de conhecimento da população adulta sobre acidente vascular cerebral (AVC) em Pelotas-RS. *J. bras. neurocir*, 19(1), 31-37.
- Gonçalves, G. M., Gois, C. F. L., Guimarães, A. M. D. N., Llapa-Rodriguez, E. O., Mattos, M. C. T. D., Campo, M. P. D. A., & Resende, G. G. S. (2012). Acidente vascular cerebral: o conhecimento dos enfermeiros. *Enfermagem em foco: Brasília*, 3(2), 58-61.
- Lewandowski, C., & Barsan, W. (2001). Treatment of acute ischemic stroke. *Annals of emergency medicine*, 37(2), 202-216.
- Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Especializada (2013). *Manual de rotinas para atenção ao AVC*. Editora do Ministério da Saúde, 2013.